

ACIDENTES OCUPACIONAIS COM PÉRFUROCORTANTES: ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

*OCCUPATIONAL ACCIDENTS SHARPS: STUDY WITH NURSING
PROFESSIONALS*

Irinete de Araújo Salviano Lima¹
Geane Gadelha de Oliveira²
Alba Rejane Gomes Rodrigues³
Milena Nunes Alves de Sousa⁴

RESUMO - Introdução: sabe-se que o trabalho, quando executado sob determinadas condições, pode causar doenças, encurtar a vida, ou mesmo matar os trabalhadores. Os profissionais de saúde, principalmente os de enfermagem, os quais tem contato direto com os pacientes, estão mais expostos à ocorrência de acidentes ocupacionais. **Objetivo:** analisar a ocorrência de acidentes ocupacionais com perfurocortantes entre os profissionais de enfermagem. **Método:** tratou-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa. Participaram do estudo 35 profissionais de saúde da enfermagem. **Resultados:** quanto à faixa etária variou entre 18 a 55 anos, apresentando maior frequência de 26 a 35 anos (42%). Dentre os entrevistados 68,6% sofreram algum tipo de acidente de trabalho, destes 65,7% com material perfurocortantes, ocasionados com maior frequência por falta de atenção (34,8%) e pressa no decorrer do plantão (34,8%). Ainda, 97% dos acidentes não foram notificados e 83% dos profissionais possuíam esquema vacinal completo. **Conclusão:** a pesquisa possibilitou verificar a ocorrência de acidentes de trabalho com os profissionais de enfermagem, decorrente majoritariamente do manuseio de perfurocortantes. Medidas preventivas devem ser dotadas para redução da acidentabilidade, tais como planejar e implementar programas de orientação específicos aos trabalhadores de enfermagem, para que estes adotem um exercício profissional seguro.

Palavras-Chave: Acidentes de Trabalho. Enfermagem. Saúde do Trabalhador.

¹ Estudante de Enfermagem pelas Faculdades Integradas de Patos.

² Enfermeira, Especialista em Saúde da família e Enfermagem Pediátrica e Neonatal. Docente pelas Faculdades Integradas de Patos. Mestranda pela SOBRATI em São Paulo em Terapia Intensiva.

³ Enfermeira e Professora Mestre das Faculdades Integradas de Patos.

⁴ Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Doutoranda em Administração pela UNINTER e Doutora em Promoção de Saúde pela UNIFRAN. Professora na FSM e FIP.

ABSTRACT - Introduction: it is known that the work, when executed under certain conditions, can cause disease, shorten life or even kill workers. Health professionals, especially nurses, who have direct contact with patients, are more susceptible to the occurrence of occupational accidents. **Objective:** to analyze the occurrence of occupational sharps injuries among nursing professionals. **Method:** this is a descriptive study with a quantitative approach. The study included 35 healthcare professionals in nursing. **Results:** the age range was between 18-55 years, with greater frequency 26-35 years (42%). Among the respondents 68.6% have suffered some sort of accident at work, 65.7% of these sharps material, most often caused by lack of attention (34.8%) and in a hurry during the shift (34.8%). Still, 97% of accidents were not reported and 83% of professionals had completed their vaccination schedule. **Conclusion:** the survey enabled us to verify the occurrence of work injuries and nursing professionals, mostly due to handling of sharps. Preventive measures should be provided to reduce related injuries, such as plan and implement educational programs specific to the nursing staff so that they can adopt a safe professional practice.

Keywords: Accidents at Work. Nursing. Occupational Health.

INTRODUÇÃO

O meio ambiente hospitalar é considerado um local insalubre, na qual as características, as formas e a divisão do trabalho expõem ainda mais o profissional que, pela jornada laboral, passa significativa parte de sua vida nesse local. Alguns fatores e situações de trabalho predispõem ou acentuam possibilidades de acidentes e doenças pela exposição ao risco (ELIAS; NAVARRO, 2006). Somam-se também aquele acidente decorrente de qualquer situação em que o trabalhador esteja representando os interesses da empresa e também no trajeto entre sua residência e o local de trabalho (BRASIL, 2006a).

Tendo em vista a essa preocupação com os riscos ocupacionais surgiram portarias ministeriais, como a 3.460/75 que certifica o profissional enfermeiro como parte de uma equipe de saúde ocupacional. As Portarias 3.236/72 e 3.237/72 do Ministério do Trabalho obrigam as instituições com mais de 100 profissionais possuírem um serviço de saúde ocupacional para prevenção de acidentes aos seus trabalhadores (ANDRADE; SANNA, 2007).

Vieira (2005) afirma que, por meio do trabalho, o homem potencializa sua criatividade, consegue desenvolver suas atividades de transformação, a qual se apresenta essencial para o seu crescimento como agente transformador, possibilitando-lhe por meio de seus conhecimentos e técnicas, realizarem atividades que são apresentadas como fundamentais para o funcionamento das organizações e alcance de seus objetivos e metas.

Segundo Schimidt (2008), com a evolução do pensamento social e com o desenvolvimento de ações relacionadas com a busca de melhorias das atividades executadas nas empresas, a preocupação em relação a proteção do trabalhador foi sendo cada vez mais salientada, o que conduziu a criação de normas que favorecessem a segurança dos trabalhadores, objetivando propiciar a melhoria da qualidade de suas atividades e o aumento da produtividade das organizações.

O interesse pelo objeto de estudo provém das inquietações em torno dos riscos ocupacionais a que os profissionais da saúde, em particular a equipe de enfermagem, estão sujeitos durante a execução de suas tarefas, destacando-se os acidentes com perfurocortantes. São fatores contribuintes para a sua ocorrência a falta de observação de normas, imperícia, péssimas condições laborais, falta de normas de precaução padrão, falhas de supervisão e treinamentos, ausência ou inconformidade no uso de equipamentos de proteção individual (EPI) (BARBOZA et al., 2004).

Os profissionais de saúde, principalmente os de enfermagem, os quais tem contato direto com os pacientes, estão mais expostos à ocorrência de acidentes ocupacionais causados por perfurocortantes, aumentando assim a susceptibilidade de contaminar-se e contrair algumas doenças como HBV, HCV, HIV entre outras.

Diante do exposto, surgiram os questionamentos: é frequente a ocorrência de acidentes com materiais perfurocortantes entre os profissionais de enfermagem? Quais as possíveis causas de acidentes com materiais perfurocortantes? Qual a situação de trabalho no momento do acidente? Qual a situação vacinal dos profissionais de enfermagem e as medidas de conduta pós acidente?

Por meio da pesquisa pode-se contribuir para a melhoria das condições de trabalho, sob os aspectos da praticidade, evitando assim os acidentes ocupacionais, gerando uma melhor qualidade de vida para os profissionais de enfermagem. Objetiva-se, portanto, analisar a ocorrência de acidentes ocupacionais com perfurocortantes entre os profissionais de enfermagem.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo do tipo exploratório, descritivo com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada no município de Itaporanga-PB, no Hospital Distrital Dr. José Gomes da Silva, o qual é referência para os municípios circunvizinhos atendendo cerca de mil pessoas mensalmente e realiza aproximadamente sessenta cirurgias nesse mesmo período. A unidade de saúde

conta com 60 leitos. Os serviços oferecidos são: clínica médica e cirúrgica; urgência e emergência; maternidade (obstetrícia) e a Unidade de Cuidados Intermediários da maternidade.

A população foi constituída por 35 profissionais de enfermagem (técnicos e enfermeiros). O estudo contemplou todo o universo de pesquisa. Assim, participaram 10 enfermeiros (dois do sexo masculino e oito do feminino) e 25 técnicos de enfermagem (cinco homens e 20 mulheres). Incluíram-se os profissionais da equipe de enfermagem, efetivos ou codificados há mais de seis meses e que atuavam no setor da clínica médica e emergência. Foram excluídos aqueles afastados da instituição por qualquer motivo.

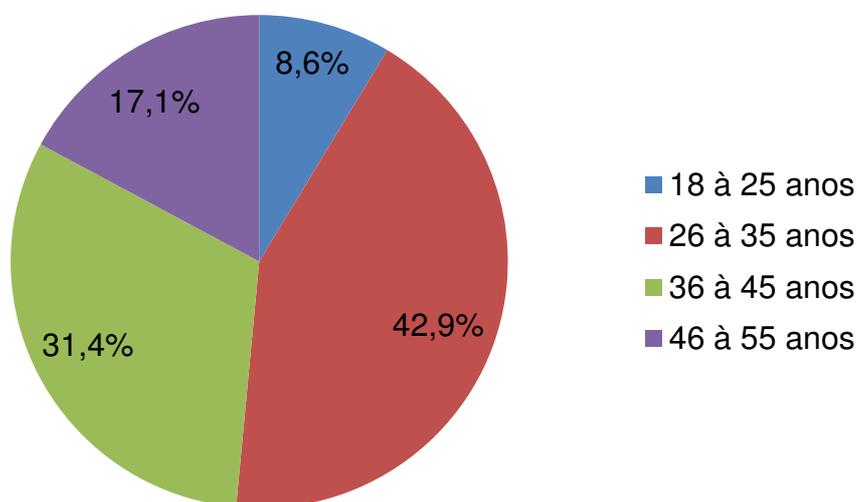
A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto e setembro, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos, conforme CAAE 31140014.0.0000.5181/Número do parecer 752.113. Foi utilizado como instrumento um questionário elaborado por Silva Neto (2014), com questões objetivas com a finalidade de averiguar os acidentes ocupacionais com perfurocortantes ocorridos com profissionais de enfermagem. Após o consentimento da instituição, os dados foram coletados de acordo com a disponibilidade do entrevistado e com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados coletados foram posteriormente organizados no programa *Microsoft Office Excel*, utilizando como técnica de análise a estatística descritiva simples.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente apresentam-se os dados de caracterização dos sujeitos da pesquisa, abordando a faixa etária, gênero e a categoria dos profissionais de Enfermagem do HDI.

Gráfico 1 - Faixa etária dos pesquisados.



Quanto à distribuição de faixa etária, a amostra apresentou indivíduos entre 18 a 55 anos de idade. Sendo que 8,6% representa a idade entre 18 e 25 anos, 42% na faixa etária de 26 a 35 anos, 31,4% de 36 a 45 anos e 17,1% dos entrevistados de 46 e 55 anos. Assim, a maior parte dos profissionais de enfermagem se encontra na faixa etária entre 26 a 35 anos, implica-se dizer que esta faixa etária seja o período de maior capacidade produtiva. No estudo de Oliveira, Diaz e Toledo (2010), observou-se também uma heterogeneidade em relação a idade onde a maioria de 54,2% dos profissionais se encontrava na faixa etária de 22 a 38 anos de idade.

Resultados de estudo de Alves, Passos e Tocantins (2009), assemelha-se a nossa pesquisa, pois verificaram que 94% dos trabalhadores acidentados investigados compreendia a faixa etária de 31 a 60 anos de idade, sendo que a maioria deles (85%) tem mais de 10 anos de exercício profissional, o que permite reconhecer que estes trabalhadores possuem uma expressiva experiência da prática do exercício profissional, onde o domínio das técnicas e os conceitos de biossegurança deviam ou deveriam estar solidificados. A idade adulta jovem corresponde dos 21 - 40 anos, vista como fase de maior energia, abundância,

produtividade e aptidão profissional tornando-se o período mais ativo e longo dentro da sociedade (SANTOS; ANTUNES, 2007).

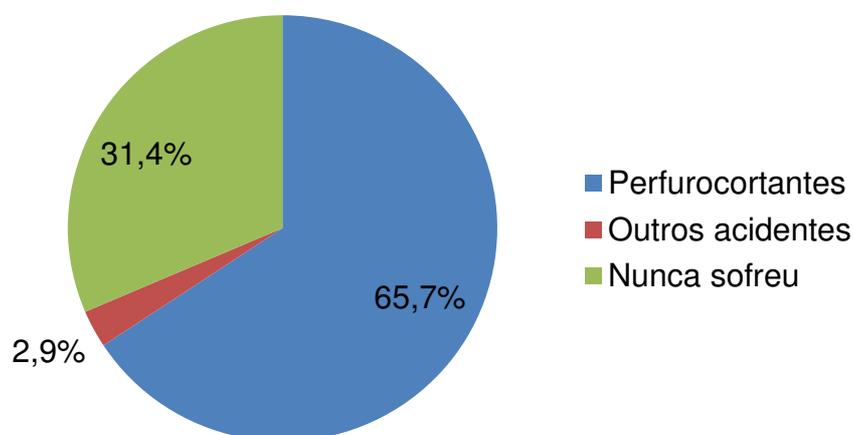
De acordo com os resultados encontrados, observou-se que houve maior número de profissionais na fase adulta, o que permite reconhecer que estes trabalhadores possuem maior experiência da prática do exercício profissional, e que mediante o conhecimento e o cumprimento das normas de biossegurança estão mais susceptíveis a acidentes de trabalho.

Com relação à categoria profissional, 71% eram técnicos de enfermagem e 29% enfermeiros. Observa-se que a maior parte dos trabalhadores de enfermagem pertence à categoria profissional técnica, já com relação ao gênero dos entrevistados 20% são do sexo masculino e 80% do feminino.

Oliveira, Lopes e Paiva (2009) afirmam em sua pesquisa que a categoria de técnico de enfermagem está em maior número nas instituições de saúde e tem como característica profissional, a realização de grande quantidade de tarefas/procedimentos e maior contato com os pacientes e com os fluidos e secreções provenientes destes. Em um estado do sudeste brasileiro, um estudo mostrou as características dos acidentes e das exposições ocupacionais, onde 78,9% ocorreram com trabalhadores do sexo feminino.

Esse estudo está condizente também com a pesquisa de Secco et al. (2008), no qual as autoras afirmam em um estudo epidemiológico realizado em um hospital universitário no Sul do Brasil, em que técnicos e auxiliares de enfermagem também se mostraram vulneráveis aos riscos biológicos, onde foi maior a exposição ocupacional dessa categoria a fluidos corporais potencialmente infectantes.

Gráfico 2 - Acidentes de trabalho com acidentes perfurocortantes.



Os resultados da investigação evidenciaram um elevado índice de acidentes de trabalho entre os entrevistados, onde 65,7% sofreram acidentes com material perfurocortantes e 2,9% com outros tipos de acidentes, totalizando 68,6% dos entrevistados, e 31,4% nunca sofreram acidentes de trabalho. Dentre os acidentados, 76% são técnicos de enfermagem e 24% são enfermeiros, já com relação ao gênero, 80% são do sexo feminino e 20% são do sexo masculino.

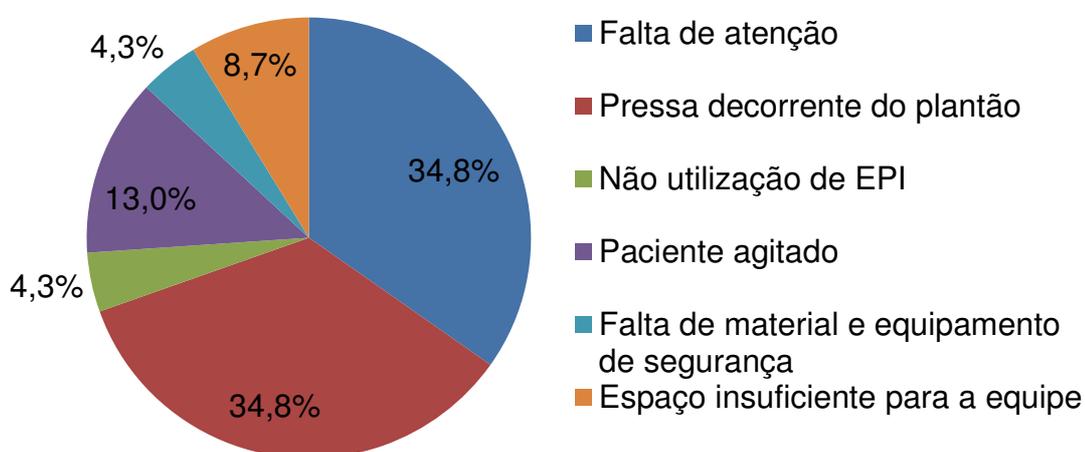
O dado corrobora com uma pesquisa realizada em Cajazeiras no Hospital Regional local, onde 41% dos Enfermeiros entrevistados afirmaram já ter sofrido algum tipo de acidente, destes, 84% ocorrem com material perfurante e cortante (SILVA NETO, 2014). Isso leva a refletir que a profissão de enfermagem pode ser considerada de altíssimo risco para acidente com material biológico, entre outros.

Segundo Santos e Valóis (2011), em um estudo realizado entre 2005 e 2011, a produção científica sobre riscos ocupacionais presentes no fazer da enfermagem está centralizada nos riscos ocupacionais biológicos, em especial naqueles relacionados a material perfurocortante. Dessa forma, apresenta lacunas de conhecimento quanto aos outros riscos, o que aponta necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre esses temas.

Cabe ressaltar que estudos relatam a unidade de emergência como sendo um setor desgastante, tanto pela carga de trabalho como pelas especificidades das tarefas para os trabalhadores de enfermagem (PINHO; ARAÚJO, 2007).

O hospital é um dos principais locais de trabalho da equipe de enfermagem, onde esses profissionais atuam em contato direto e contínuo com o paciente, configurando-se em um ambiente no qual estão mais expostos a acidentes ocupacionais causados por fatores físicos, químicos, mecânicos, biológicos, ergonômicos e psicossociais capazes de conduzir a acidentabilidade no trabalho e doenças ocupacionais (CUNHA; QUEIROZ; TAVARES, 2009).

Gráfico 3 - Circunstâncias e possíveis causas de acidentes com materiais perfurocortantes.



Levando em consideração os fatores que favorecem a ocorrência de acidentes com materiais perfurocortantes, observa-se que 34,8% dos entrevistados informaram falta de atenção, 34,8% pressa no decorrer do plantão, 4,3% não utilização de EPIs, 13% paciente agitado, 4,3% falta de material e equipamentos de segurança, 8,7% espaço insuficiente para a equipe.

Ressalta-se a importância do cumprimento de atividades com uma maior responsabilidade por parte dos profissionais, por confiarem nas habilidades técnicas dos procedimentos, muitas vezes deixam a desejar, ocorrendo assim imprudências que levam a prejudicar a si próprio, o paciente e o serviço.

De acordo com Galas e Fontana (2010), a possibilidade de agressão, bem como a agitação dos pacientes também são elementos capazes de condicionar os acidentes de trabalho no setor de saúde. Cuidar de indivíduos com problemas

psiquiátricos ou agressivos pode ser fonte de risco, pois ao se agitar, poderá haver o favorecimento de uma técnica incorreta. Também, o surto ou agressão pode propiciar ansiedade no trabalhador, gerando dificuldades na execução da técnica, como na venóclise. Os autores afirmam também que quando o trabalhador possui domínio da técnica, dispensa os equipamentos de proteção, desconsiderando sua vulnerabilidade e expondo-se aos riscos, quando de fato deveria haver um pensamento antagônico, já que a experiência adquirida deveria impulsionar o desejo do uso de EPI.

Para Barbosa, Figueiredo e Paes (2009) o número elevado de exposições a riscos ocupacionais relaciona-se, sobretudo, ao contato direto que o trabalhador tem ao promover o cuidado dos pacientes. Somam-se o tipo e a frequência na realização dos procedimentos. Elementos como cansaço, desatenção, estresse e a pressa estão presentes na rotina do enfermeiro que trabalha em ambiente hospitalar permitindo o acontecimento de acidentes ocupacionais com esses insumos, pois a concentração, atenção e cuidado no seu manuseio evita a ocorrência de falhas na prática assistencial (LIMA; PINHEIRO; VIEIRA, 2007).

Conforme questionamento sobre o descarte apropriado de material perfurocortante, 100% dos profissionais afirmaram fazê-lo, isto mostra que há uma responsabilidade por parte dos profissionais entrevistados, pois eles não se preocupam somente com sua saúde, mas também com a dos outros funcionários da instituição, que manipulam as caixas de descarte.

Dentre a pesquisa, alguns dos estudos evidenciaram que os acidentes com material perfurocortante ocorreram com maior frequência entre técnicos e auxiliares de enfermagem, ao procederem ao descarte desse tipo de material em local impróprio (SILVA et al., 2009).

Em uma pesquisa realizada por Santos e Valois (2011) evidenciou-se que poucos artigos abordaram os riscos voltados exclusivamente ao profissional enfermeiro, já que a maioria dos autores refere-se à equipe de enfermagem como um todo para descrever os riscos ocupacionais. Percebe-se que há ênfase nos profissionais do nível auxiliar e técnico, possivelmente pela maior proximidade com o corpo adoecido do paciente sob os cuidados e por serem as suas atividades mais pautadas na prática da tarefa.

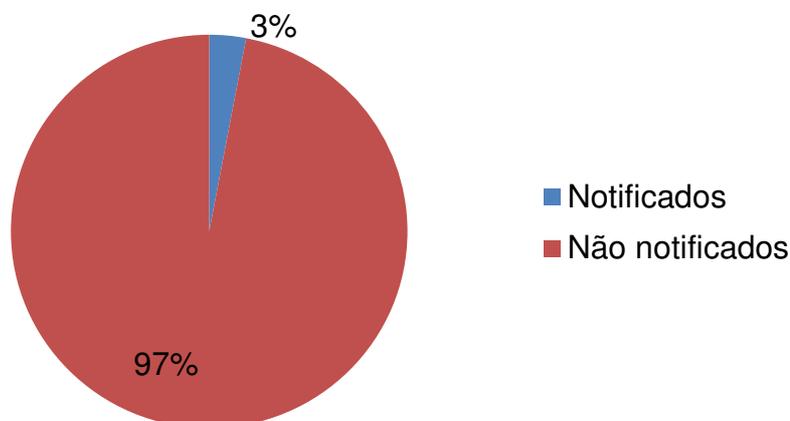
Quanto ao uso do recipiente de descarte de materiais perfurocortantes próximo a área de manipulação, 89% afirmaram que sim e 11% não, isto indica que a instituição parece se preocupar com o descarte dos materiais perfurocortantes, visando diminuir os acidentes com os mesmos, o que não ocorreu neste estudo.

Os resíduos perfurocortantes obrigatoriamente devem ser descartados em local apropriado e separados dos demais materiais. Portanto, deve ser descartado no local de sua geração, imediatamente após o uso, em recipiente rígido, resistente a perfurações, rupturas e vazamentos, sendo tampados e identificados, atendendo aos parâmetros referenciados na norma NBR 13853/97 da ABNT, sendo expressamente proibido o esvaziamento desses recipientes para o seu reaproveitamento (BRASIL, 2004a), a adoção de suportes fixos para as caixas de descarte de material perfurocortante em locais próximos ao paciente, seu adequado preenchimento, respeitando-se o limite de $\frac{3}{4}$ de sua capacidade, sua montagem correta e o não reencepe de agulhas são algumas estratégias referidas para evitar acidentes com material biológico.

Quanto ao hábito de reencapar, entortar ou desconectar agulhas das seringas com as mãos após o uso, 60% afirmaram que sim, 40% não. Esse resultado aponta que a maioria dos participantes não adotam as medidas preventivas, ocasionando assim a ocorrência de acidentes ocupacionais, enquanto o restante adota essas medidas, os quais se tornam menos susceptíveis à ocorrência de acidentes, já que esses hábitos são considerados fatores de risco em potencial para a existência de acidentes de trabalho.

As agulhas descartáveis precisam ser descartadas juntamente com as seringas, sendo proibido o reencepe ou retirada manual (BRASIL, 2004b).

Gráfico 4 - Notificação dos acidentes de trabalho.



Um outro fator relevante na pesquisa foi quanto à notificação desses acidentes, verificou-se que apenas 3% recorreu à comunicação do acidente na própria instituição, enquanto que os 97% não realizaram nenhuma comunicação, em razão dos mesmos desconhecerem o protocolo que normatizasse esse ato. Diante desse resultado sabe-se que é de fundamental importância a notificação desses acidentes, para que se obtenha a sua incidência, pois a não notificação ou subnotificação impede a visualização do real número de casos ocorridos, impedindo que medidas adequadas sejam adotadas para preservar e/ou melhorar a saúde e segurança dos trabalhadores.

É importante que a instituição providencie com urgência a implementação desse protocolo que normatize esse registro para que possa criar intervenções e que os mesmos sejam registrados, visando despertar no trabalhador maior compreensão sobre o autocuidado, a reflexão quanto a sua prática profissional e, sobretudo o aspecto legal do acidente de trabalho.

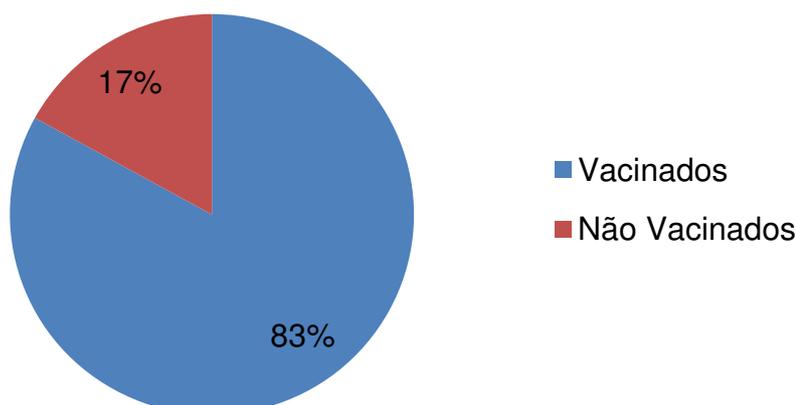
Aponta-se, como dado que merece ser mais bem esclarecido empiricamente, as condutas adotadas pelos trabalhadores de enfermagem pós-acidente ocupacional. O cumprimento do protocolo que contém os procedimentos com a lesão, os exames necessários, a profilaxia medicamentosa ou medidas de comunicação ou outros, pode não ocorrer caso os profissionais de enfermagem considerem os acidentes como típicos da profissão, aumentando os riscos de

disseminação de doenças e da subnotificação de acidentes (SANTOS; VALOIS, 2011).

O Ministério da Saúde orienta as instituições de saúde de todo país, que havendo acidentes de trabalho com sangue e outros fluidos potencialmente contaminados, os mesmos devem ser tratados como casos de emergências médicas (BRASIL, 2006b).

Todos os casos de acidente com material biológico necessitam da Comunicação de Acidente de Trabalho, bem como notificação ao Ministério da Saúde, por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, como propõe a Portaria n.º 777 aprovada em 28 de abril de 2004 (BRASIL, 2004b).

Gráfico 5 - Situação quanto ao esquema vacinal dos profissionais de enfermagem.



Quando indagados sobre esquema vacinal completo (três doses: Difteria e Tétano, Hepatite B), 83% da amostra respondeu positivamente, 17% responderam esquema vacinal incompleto.

Evitar a exposição ocupacional é o principal caminho para prevenção da transmissão do vírus da hepatite B, C e HIV. Entretanto, a imunização contra hepatite B e o atendimento apropriado pós-exposição são primordiais ao completo programa de prevenção de infecção em casos de acidentes ocupacionais e indispensáveis à segurança do trabalho (BRASIL, 2011).

A vacina para o HBV é aplicada, na dosagem de 10 a 20 mcg/ml (conforme o fabricante), no esquema de três doses, exclusivamente no músculo deltoide, com intervalos de zero, um e seis meses; o esquema de zero, um e dois meses pode ser utilizado em situações em que a imunização rápida seja necessária, pois os anticorpos protetores são observados em quase todos os indivíduos vacinados logo no terceiro mês. É esperado o desaparecimento do título de anticorpos ao longo do tempo, mas a imunidade está mantida. Cerca de 95% a 99% atingem níveis protetores de anticorpos (BRASIL, 2011).

As vacinas mais importantes para os profissionais da saúde são dupla adulta, hepatite B, influenza e tríplice viral, as quais devem ser administradas nos serviços públicos de saúde ou redes credenciadas para garantia do esquema vacinal, do lote e da conservação, ressalta-se ainda, que é de suma importância a imunização nos profissionais de saúde, minimizando assim doenças ocupacionais causadas por acidentes de trabalho.

Referente á realização de treinamento por parte da instituição aos profissionais de enfermagem nos últimos quatro anos, verificou-se que 23% realizaram treinamento, enquanto que 77% não realizaram.

Nesse estudo, nota-se que a maioria dos trabalhadores de enfermagem não se preocupa em se atualizar, percebe-se a falta de preocupação dos profissionais em participarem de atividades ou cursos de capacitações, a fim de aumentar os conhecimentos e atualidades no campo da saúde.

Ainda, conforme os resultados, foram identificadas dificuldades para realização de treinamento e/ou capacitação, não só por parte das instituições, mas também dos próprios profissionais, por questões pessoais, e da própria equipe da educação continuada, com intuito de buscar segurança e qualidade no trabalho, visando melhorar o bem estar coletivo tanto para o paciente como para o profissional.

De acordo com Galas e Fontana (2010) a gerencia de enfermagem deve propiciar adequações nas condições de trabalho. O trabalhador espera de sua chefia imediata orientação, educação, exemplo, atitudes regulatórias e fiscalizadoras.

Tendo em vista a Norma Regulamentadora 32, do Ministério do Trabalho e Emprego, e a obrigatoriedade de seu cumprimento, as instituições hospitalares

estão implantando serviços especializados em saúde do trabalhador, o que pode refletir-se em redução dos acidentes de trabalho, principalmente daqueles relacionados aos materiais biológicos, a falta de capacitação, a necessidade de agilidade durante os procedimentos e a baixa qualidade dos equipamentos de segurança são causas frequentes de acidentes, sendo necessário planejamento e treinamento contínuo da equipe, bem como utilização das precauções universais (CUNHA; QUEIROZ; TAVARES, 2009).

Em relação aos EPIs não disponíveis no ambiente de trabalho da enfermagem observou-se que 94% correspondem aos óculos protetores, 6% pró-pé, todos os entrevistados informaram ter todos os EPIs disponíveis no serviço e a falta desses está relacionada com o setor, alegando que a clínica e a emergência são dispensáveis à utilização desses EPIs. Sabe-se que o uso de óculos protetores e outros EPIs são essenciais na realização de procedimentos invasivos e sua utilização é indispensável no serviço para prevenção de acidentes de trabalho.

Simão et al. (2010) evidenciaram em sua pesquisa que a ausência de EPIs no local de trabalho favoreceu em 11,5% dos casos a ocorrência do acidente com perfurocortante.

Quanto à indagação de algum protocolo que normatize o uso de EPIs no seu trabalho, 97% afirmaram que sim e 3% disseram que não, pois na instituição existe a atuação da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH). Percebe-se então, que há um reconhecimento das ações preventivas realizadas pela Comissão de Controle de Infecção e que estas influenciam no cotidiano da enfermagem.

Rodrigues et al. (2012) afirmam que a corresponsabilidade do profissional quanto ao uso dos equipamentos de proteção individual é fundamental para que a possibilidade de um risco gerar um dano à saúde do profissional possa ser reduzida.

As instituições hospitalares devem buscar estratégias capazes de contribuir com a prevenção dos acidentes ocupacionais e a promoção de saúde do trabalhador. Tais ações devem envolver e fortalecer as comissões internas de prevenção de acidentes e as demais estruturas corporativas encarregadas de educação sanitária e vigilância de saúde (ANDRADE *et al.*, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos, observou-se haver elevado índice de acidentes de trabalho entre os profissionais de enfermagem, especialmente com perfurantes e cortantes. Outro agravante foi a subnotificação dos mesmos. Por conseguinte, entre os fatores relacionados à ocorrência desses acidentes destacam-se a pressa decorrente do plantão existente pela sobrecarga de trabalho, falta de atenção relacionada diretamente ao cansaço físico e mental, espaço insuficiente para equipe e o desgaste da própria rotina de trabalho.

Um dado satisfatório referiu-se a imunização dos profissionais de saúde, pois a maioria estava com o calendário vacinal em dia. Considerando os achados, fica clara a importância de um profissional de enfermagem do trabalho, atuando diretamente nas organizações, no intuito não somente de prevenir doenças e acidentes de trabalho, mas também desenvolvendo um papel constante de conscientização e promoção da saúde do trabalhador, representando assim, um enorme benefício para toda a coletividade da organização. Neste contexto, cabe aos serviços de saúde planejar e implementar programas de orientação específicos aos trabalhadores de enfermagem, para que estes adotem um exercício profissional seguro e que a falta de capacitação adequada, a falta de educação continuada por parte da Instituição, o uso inadequado dos EPIs, entre outros, pode assim aumentar a ocorrência de acidentes ocupacionais, trazendo danos para os profissionais e para o serviço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. R. A.; ALMEIDA, R., A. C.; SAMPAIO, G. C.; PEREIRA, J. R. D.; ANDRADE, E. S. S. Ocorrência de acidentes com instrumentais pérfuro-cortantes em clínica odontológica na cidade do Recife-Pernambuco. **Rev. Cir. Traumatol. Buco-Maxilo-Facial**, v. 13, n. 2, p. 87-100, 2013.

ANDRADE, A .C; SANNA, M. C. Ensino e biossegurança na Graduação de enfermagem: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**. São Paulo, v. 60, n. 5, p. 569-72, set/out. 2007.

ALVES, S. S. M; PASSOS, J. P.; TOCANTINS, F. R. Acidentes com Perfurocortantes em Trabalhadores de Enfermagem: Uma questão de Biossegurança. **Rev. bras.Enf. UERJ**, v 17, n 3, p. 373-7, 2009.

BARBOSA, M. A.; FIGUEIREDO, V. L.; PAES, M. S. L. Acidentes de trabalho envolvendo profissionais de enfermagem no ambiente hospitalar: um levantamento em banco de dados. **Rev Enfermagem Integrada**, v. 2, n. 1: p. 176-7, 2009.

BARBOZA, D. B.; SOLER, Z. A. S. G.; CIORLIA, L. A. S. Acidentes de trabalho com perfurocortante envolvendo a equipe de enfermagem de um hospital de ensino. **Arq. Ciênc. Saúde**, v. 11, n. 2, p. 93-9, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Serviços Odontológicos: Prevenção e Controle de Riscos**, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.

_____. Ministério da Saúde. **Exposição a Materiais Biológicos. Saúde do trabalhador**. Brasília (DF); 2011. (Série A: Normas e Manuais Técnicos).

_____. Ministério da Saúde. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC n 306**, dezembro 2004a.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 777, de 28 de abril de 2004**. Dispõe sobre os procedimentos técnicos para a notificação compulsória de agravos à saúde do trabalhador em rede de serviços sentinela específica, no Sistema Único de Saúde – SUS. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 abr. 2004b.

_____. Ministério da Saúde (BR). **Notificação de acidentes do trabalho fatais, graves e com crianças e adolescentes. Saúde do trabalhador: protocolos de complexidade diferenciada 2**. Brasília (DF); 2006b. (Série A: Normas e Manuais Técnicos).

CUNHA, A. C.; QUEIROZ, A. C.; TAVARES, C. M. M. Educação continuada na prevenção dos riscos biológicos da equipe de enfermagem de uma instituição hospitalar. **Cien. Cuid. Saude**, v. 8, n. 3, p. 469-76, 2009.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino-Am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 517-525, jul./ago. 2006.

GALAS, S, R; FONTONA, R, T; Biossegurança e a enfermagem nos cuidados clínicos: contribuições para a saúde do trabalhador; **Rev. bras. Enferm**, v. 63, n. 5, 2010.

LIMA, F. A.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, N. F. C. Acidentes com material perfurocortante: conhecendo os sentimentos e as emoções dos profissionais de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 11, n. 2, p. 205-11, 2007.

OLIVEIRA, A. C.; LOPES, A. C. S.; PAIVA, M, H, R, S. Acidentes ocupacionais por exposição a material biológico entre a equipe multiprofissional do atendimento pré-hospitalar. **Revista da Escola de Enfermagem USP**. Vol. 43, nº 3, p. 677-683, 2009.

PINHO, P, S; ARAÚJO, T, M; Trabalho de enfermagem em uma unidade de emergência hospitalar e transtornos mentais. **Rev. Enfermagem UERJ**, v. 15, n. 3, p. 329-36, 2007.

RODRIGUES, L, M; SILVA, C, C, S; SILVA, V, K, B, A; MARTINIANO, C, S; SILVA, A, C, O; MARTINS, N. O. Riscos Ocupacionais: Percepção de Profissionais de Enfermagem da Estratégia Saúde da Família em João Pessoa – PB. **Rev. Bras. Ciências e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 325-32. 2012.

SANTOS, B. S. ANTUNES, D. D. Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. **Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 149-164, jan/abr, 2007.

SANTOS, E. I. VALOIS, B, R. G. Riscos ocupacionais relacionados ao trabalho de enfermagem: revisão integrativa de literatura. **Revista Augustus**, v. 16, n. 32, p. 87. 2011.

SCHIMIDT, M. **A Revolução Industrial e a organização dos trabalhadores em sindicatos**. São Paulo; Moderna, 2008.

SÊCCO, I. A. O. ROBAZZI, M, L, C, C; SHIMIZU, D, S; RÚBIO, M, M, S. Acidentes de trabalho típicos envolvendo trabalhadores de hospital universitário da região sul do Brasil: epidemiologia e prevenção. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 5, p. 824-831, 2008.

SILVA NETO, J. P. **Acidentes de Trabalho e Subnotificações**: Estudo com Enfermeiros Atuantes na Atenção Terciária. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Faculdade Santa Maria, Cajazeiras: FSM, 2014.

SILVA, M. K. D; ZEITOUNE, R. C. G. Riscos ocupacionais em um setor de hemodiálise na perspectiva dos trabalhadores da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 13, n. 2, p. 279-86, 2009.

SIMÃO, S, A, F; SOARES, C, R, G; SOUZA, V; BORGES, R, A, A; CORTEZ, E, A; Acidentes de Trabalho com material perfurocortante envolvendo profissionais de enfermagem de Unidade Emergência Hospitalar. **Rev. enferm. UERJ**, v. 18, n. 3, p. 400-4, 2010.

VIEIRA, S. I. **Manual de saúde e segurança do trabalho**: segurança, higiene e medicina do trabalho. São Paulo: LTr, 2005.